

Este livro reúne várias falas que tiveram lugar no VII Seminário de Filosofia Antiga, ocorrido na UERJ em dezembro de 2014, promovido pelo Laboratório NOESIS de estudos em Filosofia Antiga. Dessa vez, o tema do Seminário foi “O Belo”.

Talvez nenhum tema seja tão caro à Antiguidade grega. A poesia e a filosofia têm, ambas, seu princípio na contemplação admirada da beleza, em cada gesto. Cada gesto se faz belo, então, no discurso, mas também na própria gesta do poeta pensador. A beleza era indício de verdade entre os gregos. As obras legadas por essa tradição são disso a evidência: Mito, Tragédia, Comédia, Sofística, Filosofia. Mas o que é o belo? O que é a verdade? Não precisa dizer que são questões sem resposta imediata. São questões. Carece investigá-las, querer percebê-las, afinal, fazer uma verdadeira *experiência* a partir delas, uma experiência do fenômeno. Falando, agora sim, de modo direto e imediato: só isso é filosofar.

Convido cada um a percorrer aqui algumas vozes empenhadas em deixar falar o tema do encontro, e mais... Duas delas fizeram percursos mais díspares, pois foram apresentadas no formato de minicursos livres durante o evento e não como palestras, são elas as falas de Luiz Otávio Mantovaneli que investigou a respeito de “ἐλπίς”, a esperança, que aparece em Hesíodo como um enigma, e a de Renato Matoso que desenvolveu sua pesquisa em torno da presença já das “Formas” em diálogos platônicos considerados, pelos estudiosos desenvolvimentistas, como iniciais. Quanto às vozes que procuraram tematizar explicitamente o belo, são muitas e variadas. Inicialmente ouviremos falar na ascese em Safo e em

Platão. Jovelina Ramos de Souza, professora da UFPA, investiga, em seu artigo, os caminhos de eros na poesia mélica e em Platão, especialmente na figura da sacerdotisa Diotima, a qual ela interpreta como sendo a Safo platônica, que viu, que sabe o belo. Aldo Dinucci, professor da UFS, inspirando-se em Górgias, trata da pintura e escultura como resgate “do extraordinário e maravilhoso esplendor da concretude do mundo”, normalmente afastada de nós pela sua excessiva proximidade e presença. O professor Jaa Torrano, da USP, dá alma à investigação do princípio do belo-bom-e-justo, princípio regente do pensamento de Hesíodo e de Platão, e de como tudo isso está diretamente envolvido com a sabedoria a qual só é verdadeira se é ligada ao divino. O professor Emmanuel Carneiro Leão, da UFRJ, numa experiência radical da articulação entre *Eros* e *Kalos* no *Simpósio* de Platão, coroa sua fala considerando que “sem beleza não há sabedoria, sem sabedoria não há amor, sem amor não acontece filosofia”. Cristiane Azevedo, professora da UFRRJ, desenvolve o tema do belo em vários âmbitos da experiência grega como é o caso, por exemplo, da bela morte que imortaliza, até pôr em discussão a importância do belo sensível para o acontecimento, da contemplação do belo transcendente em Platão. Carolina Araújo, professora da UFRJ, percorre, na *República*, a questão da educação pela beleza, critério decisivo na formulação da Bela cidade, a *Kallípolis*, fundada por Platão, uma cidade inteiramente bela, boa e justa, pois “é impossível conviver com a beleza sem tornar-se belo”. No capítulo seguinte, eu, Izabela Bocayuva, professora da UERJ, ponho em questão o belo como experiência privilegiada que marca, em Platão, o acesso à Filosofia. Marcus Reis Pinheiro, professor da UFF, descreve o modo como o *logos* é apresentado no *Fedro* de Platão – aquele *logos* vivo dentro daquele que sabe, um *logos* erótico – e traça alguns paralelos interessantes com o entendimento da escritura de Orígenes em seu *Comentário ao Cântico dos Cânticos*. A beleza do mundo

para além dos sentidos é, em ambos os textos, especialmente tematizada. Francisco de Moraes, professor da UFRRJ, faz Aristóteles falar do belo através da descrição da virtude da coragem em sua plena aliança com a vida e, por isso mesmo, num relacionamento radical com a bela morte e, sobretudo, com o belo perigo. É belo e bom saber o que temer. Por fim, Rodrigo Pinto de Brito, professor da UFS, discute a concepção crítica pirronista de Sexto Empírico em relação à gramática, mas também em relação a uma suposta verdade abstrata vinculada ao belo e ao bom.

O tema que provocou o encontro de todas essas vozes é inesgotável, mas espero que esse livro possa contribuir como semente para a válida retomada do questionamento do belo hoje. Não se trata de um tema entre outros, mas de um princípio imprescindível, em todos os tempos, para a geração e a manutenção do bem viver no mundo. O que seria mais decisivo do que simplesmente viver bem?

Izabela Bocayuwa

Agradecemos o apoio da CAPES, cujo financiamento possibilitou a realização do VII Seminário de Filosofia Antiga, bem como a publicação deste livro.





Imagens do Belo em Safo e Sócrates

Jovelina Maria Ramos de Souza

A recepção da poesia grega na prosa filosófica de Platão é um tema cada vez mais reconhecido na atualidade. Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a retomar a presença marcante da poesia mélica no seu discurso erótico-filosófico. Parto do *Epigrama VII 100 da Antologia Palatina*, dedicado a Aléxis e Fedro, para mostrar como a temática sobre o amor e a beleza é um elemento recorrente a unir Platão e Safo:

Pelo simples fato de eu ter dito que Aléxis é belo (*kalos*), olham-no todos e por toda parte o admiram.
Coração, por que apontaste o osso aos cães? Para sofreres depois? Não foi assim que nós perdemos Fedro?

Atribuído a Platão, o fragmento representa a desilusão do amante ao perder seu amado para outro,¹ pelo

¹ Esse tema é recorrente em Calímaco, conforme podemos observar no *Epigrama XII 43*:

Detesto o poema em série: tampouco me agrada o caminho
que leva muitos a várias direções.
Odeio também o amado (*eromenon*) a varejo, não bebo de fonte;
me aborrece tudo quanto seja público.
Lisânias, és um tesouro (*kalos*), um tesouro, mas antes de eu dizê-lo
claramente, um eco faz: “É de outro, de outro”.
Em *Asclepiades*, também encontramos uma referência a essa temática do amor dividido, como um aspecto comum